

“PELO CAMINHO DE OUTRAS FALAS”: AS NARRATIVAS ORAIS E A TRAVESSIA DA COLUNA PRESTES NO SERTÃO CEARENSE.

Alex Alves de Oliveira.

Mestrando pelo programa de pós-graduação em História – UECE.

Bolsista/ FUNCAP.

E-mail: alexeialves@hotmail.com

Os argumentos tecidos nas presentes laudas desse artigo concorrem para se pensar às versões construídas acerca da passagem da Coluna Prestes no interior do Ceará, logo em vista, o desenvolvimento de dissertação de mestrado, intitulada: Representações da passagem da Coluna Prestes no sertão cearense.

Quanto ao evento ressaltamos que esse se processou em princípios do ano de 1926. Naquele momento, um grupo de dissidentes do exército e seguidores, oriundos do movimento tenentista percorria o interior do País, pregando ideais contrárias a governabilidade e princípios da 1ª República. Essa última, personificada pelas forças oligarcas da política do “café com leite”. Nesse contexto, os tenentes rebeldes procuraram estabelecer uma aproximação com a sociedade civil que buscava uma maior participação no cenário político Nacional. Sobre o Movimento:

Os rebeldes pretendiam substituir Bernardes por um político honesto, capaz de “moralizar os costumes políticos”. Lutava-se pelas mesmas demandas de caráter liberal, já levantada em 1922: além do voto secreto, “representação e justiça”, moralização dos costumes políticos e, de uma maneira geral, o cumprimento dos preceitos liberais da Constituição de 1891. (PRESTES, 1995)

Nesse bojo, algumas articulações políticas foram estabelecidas em combate aos “rebeldes”, elaboradas em alianças (local e nacional). No Ceará, o percurso da Coluna Prestes se deu pela região dos Inhamuns, Ibiapaba e parte da região sul do estado.

Conhecida popularmente como a marcha dos “revoltosos”, a Coluna Prestes, adentrou em solo cearense, percorrendo algumas localidades do mesmo, e até hoje, rememorada por sujeitos que presenciaram ou se reportam aos momentos da presença da Coluna Prestes pelas narrativas dos parentes mais velhos.

Após situarmos nosso objeto de análise, temos como proposta percorrer os caminhos da oralidade, ou seja, transmutamo-nos para as veredas da história oral. Essa possibilidade se geriu pela necessidade de compreensões que estão para além de um corpus documental composto apenas por indícios escritos. Diante a pesquisa,

parcialmente realizada, observamos, a priori, que há um embate entre as fontes documentais: cultura escrita, constituída pelos jornais impressos da época e da oralidade, esboçada pelas narrativas orais. Entre confrontos de visões configuradas, atentamos para as elaborações e (re) significações da passagem da Coluna Prestes a partir desse entrelaço documental, destacando-se as nuances das narrativas orais e defendidas por nós como esmero cabedal de análise no fazer historiográfico.

Sendo assim, o nosso intuito foi trazer essas versões produzidas pela ótica da oralidade, desconsiderando essas como apenas um recurso auxiliar ou revestidas de aprotagonismos. Por esse preâmbulo metodológico, Portelli defende que “a primeira coisa que torna a história oral diferente, é que nos conta menos sobre os eventos que sobre os significados” (2007, p. 14). E são justamente as plurais significâncias que aludem ao elenco da Coluna Prestes em travessia pelo estado que tentaremos elucidar nesse momento.

Reportando-se àquele tempo, quando da passagem dos personagens da Coluna em território cearense, várias ofensivas foram organizadas na tentativa de aniquilar o movimento. Nesse entremeio, um dos importantes segmentos responsáveis pela elaboração da campanha anti-Coluna foram os jornais impressos de circulação do estado, vinculados em alianças com as forças governamentais.

Pelas aproximações da Coluna em solo cearense, esses meios de comunicação, nesse caso os impressos, passaram a veicular, em suas páginas, notícias que exaltavam os perigos que representavam a Coluna para a sociedade brasileira, associando aos integrantes do movimento, a desordem, a anti-moralidade e o impatriotismo. Esses impressos se utilizavam do artífice do medo e terror, ao relatarem em suas matérias jornalísticas, os crimes realizados por membros da Coluna. Para esses impressos, a passagem da Coluna Prestes em território cearense teria sido marcada pelos saques, estupros e pilhagens, acometendo-se variados prejuízos para a população da época.

Porém a inquietude veio à tona. Ao realizarmos entrevistas orais com alguns narradores, em algumas localidades cearenses. Percebemos que além de algumas similaridades entre as versões dos jornais da época e das entrevistas orais, outros intrínsecos elementos se desvelaram em relação à passagem da Coluna Prestes no interior cearense. Assim, outros significados emergiram a partir das lembranças e reminiscências dos depoentes sobre o evento.

Elucidando um desses elementos apresentados pelos narradores, numa das localidades que despontou como percurso da travessia da Coluna Prestes, na cidade de Crateús¹, ocorreu um dos maiores conflitos no estado do Ceará, envolvendo o elenco da Coluna e as forças legalistas. Essas últimas incumbidas de fazer frente ao movimento. Pelas falas dos jornais impressos da época, relacionadas ao “cerco de Crateús”, esse episódio teria como resultado a “grande vitória” das forças governistas, ao colocarem que, nessa mesma localidade, os integrantes da Coluna teriam sido rechaçados, além de resultar em baixas no efetivo da Coluna.

Nas lembranças sobre a trama que envolveu a população de Crateús e os membros da Coluna, os depoentes versam sobre a presença dos integrantes nas redondezas da cidade, pois esta se encontrava sitiada. Nesses relatos são evidenciados os confrontos entre as forças legalistas e os “revoltosos”. Porém, é notória nas falas dos entrevistados, a referência ao cemitério dos revoltosos, local onde foram enterrados dois combatentes da Coluna.

Nalgumas dessas versões, quando descrevem sobre os dois mortos em combate com as forças legalistas do governo, apontam para o lugar do sepultamento dos mesmos, no denominado “cemitério dos revoltosos”. Nesse local, esses dois membros de nomes “próprios” desconhecidos e identificados apenas como “revoltosos” são reverenciados por aspectos sobrenaturais, lhes sendo atribuídos à santidade ou martírio e que os mesmos teriam o dom de obrarem milagres.

Nesse sentido indagamos que diante situações particulares, outras feições se configuram sobre os eventos, no nosso caso, percebemos que esses homens da Coluna eram, até então, pregados pelas palavras do governo e da cultura escrita da época como prejudiciais a sociedade, os associando à revolta, rebeldia ou a vilania, mas que passaram ser considerados, por parte da população local de Crateús, santos populares. Essas outras visões elaboradas quanto à construção das tramas da passagem da Coluna foram apercebidas nas narrativas orais.

Sobre o cemitério destinado aos dois integrantes da Coluna, existem ao redor da sepultura central, outros túmulos, depositário dos corpos de crianças mortas prematuramente. Segundo alguns narradores, essa prática se daria por esses homens mortos serem protetores e auxiliares daqueles seres ao “mundo espiritual”. Por outra,

no local ainda são realizadas novenas e a oferta de objetos, conhecidos popularmente, como ex-votos, e depositado pelos devotos:

Lá passou muito tempo aquelas covas. Chamam de anjos, anjinho, crianças, viu. Muita gente aqui. Eles são considerados santos porque eles morreram com muita sede. Muita sede viu por isso as pessoas botam garrafas e como promessa começaram a enterrar crianças como se ali fosse um lugar sagrado.²

Já em outra localidade cearense na cidade de Ipu, os integrantes da Coluna Prestes teriam sido recepcionados pela população dessa comunidade. Nela, os integrantes do movimento não teriam sofrido nenhum tipo de resistência, apesar de que, parte da população desse município havia se retirado, rumando para esconderijos, nos chamados “pés de serra”. Isso teria ocorrido, em virtude dos temores da aproximação da Coluna e do terror propagado pelas falas do governo e dos impressos relacionado aos integrantes da marcha. Em resumo, de algum modo, a maioria das populações sertanejas era desconhecidora das idéias e ações da Coluna Prestes, assim, não tinham conhecimento sobre quem eram esses homens que, até então, tinha se rebelado contra o governo e iniciado uma marcha, ao percorrerem considerável parte do território nacional, em combate e denuncia dos vícios da política oligarca. Quem detinha essa função de informação? Evidentemente, seriam o governo e os veículos de comunicação, nesse caso, os impressos de maior circulação declaradamente opositores da Coluna Prestes.

Às narrativas orais, destacamos noutros relatos de sujeitos de outras localidades variadas versões que tecem acerca da passagem da Coluna Prestes pelo sertão cearense, reforçando, no nosso caso, as contradições relacionadas às produções escritas da época. Narrativas orais que diferem, em certa medida, das falas dos jornais impressos da época. Assim, evidenciamos nalgumas daquelas, até uma valorização dos sujeitos da Coluna.

Ademais, essas plurais apresentações denotam as “riquezas” ao externarem variados significados aos membros da Coluna nos rincões cearenses: Entre “rebeldes, heróis e santos”. Com isso, destacamos quão é proveitoso e complexo, o exercício da história oral, ao lançarmos mão desses depoimentos de narradores. Partindo por esse ângulo, destacamos nossa trilha nas práticas metodológicas da história oral. Levando em consideração seus aspectos.

Quanto às narrativas que aludem acerca dos personagens da Coluna, indagamos qual seria os seus sentidos? Para além de pensarmos a narrativa apenas como evidências

ilustrativas, entendemos que estas produzem significados e sentidos, por isso, não seria uma mera reprodução do acontecido e sim a construção do vivido através das palavras, imagens, discursos. (FERREIRA e GROSSI, 2004, p. 44). Cabendo aos sujeitos sociais “o poder dizer, dizer-se, dizer-nos”(Idem, p. 44). Por si, os sujeitos ao narrarem sobre as lembranças da passagem da Coluna Prestes, corroboram na construção de percepções singulares diante a experiência vivida ou rememorada de geração pra geração, resultando na engrenagem de memórias (re) configuradas.

Por levarmos em consideração as nuances das narrativas orais, atentamos para as implicações dos procedimentos da história oral. Com isso, buscamos compreendê-los ao passo que, entendemos a história oral como método de análise, negando-se a ela a condição de ser apenas um simples ato de entrevistar, tal qual, imbrica vários procedimentos e técnicas que devem ser levados em consideração. Quanto à materialidade da entrevista, entendemos que esta é um documento de validade e requer cuidados e padrões de produção e análises, perpassando-se por particularidades que enveredam desde a relação entre entrevistador e entrevistado, onde a sensibilidade e percepção do condutor são fundamentais pra a viabilidade da entrevista, até, as questões de natureza política e os posicionamentos éticos. Nesse viés, atentar para questões que fazem parte do universo da história oral nos é imprescindível já que optamos por ela.

Em continuidade, ao tecermos considerações em uso da história oral, referenciamos que o entrevistador deve buscar na confecção das entrevistas, compreensões que vão além do óbvio, ou seja, eliminar o caráter ingênuo e perceber que as entrevistas orais são permeadas em si, por intencionalidades e posicionamentos sejam eles afetivos ou ideológicos. Como coloca Alberty “É preciso saber “ouvir” o que a entrevista tem a dizer, tanto no que diz respeito às condições de sua produção quanto no que diz respeito à narrativa do entrevistado" (2006, p. 184).

Em enfoque, esclarecemos que entrevistas orais apresentadas nessa produção se deram com os aportes da história oral temática. Nesse caso, as entrevistas foram realizadas com os depoentes e direcionadas a uma questão central (tema), ou seja, da passagem da Coluna Prestes pelo sertão cearense. Em alusão, concernimos que “a contundência faz parte da história oral temática que se explica no confronto de opiniões firmadas. Assim, por natureza, em versões únicas” (MEYHE e HOLANDA, 2007, p. 38).

Ainda ressaltamos que, como evento se reporta ao ano de 1926 numa escala cronológica que computa mais de 80 anos da travessia da Coluna, os nossos entrevistados foram pessoas que na época eram crianças ou rememoram a partir das narrativas de parentes seus. Entendemos que para compreendermos as configurações e (re) elaborações das narrativas orais, que por sua vez, são narrativas de memória da passagem da Coluna Prestes em terras cearenses, atentamos para a relação oralidade e memória. Assim, apresentamos os desdobramentos da noção de pós-memória, pois no nosso caso, nos utilizamos, em sua maioria, das versões de pessoas que não conviveram o contexto da passagem da Coluna, mas que recordam o fato através das lembranças dos mais velhos, a partir da escuta. Com isso, a noção de pós-memória vem sendo pertinente ao nosso intento. Sobre a noção:

Essa é a memória da segunda geração, lembrança pública ou familiar de fatos auspiciosos ou trágicos. O prefixo pós indicaria o habitual: é o que vem depois da memória daqueles que viveram os fatos e que, ao estabelecer com essa relação de posterioridade, também tem conflitos e contradições característicos de vexame intelectual de um discurso sobre o passado e de seus efeitos sobre a sensibilidade. (SARLO, 2007, p 92)

Nessa perspectiva, tomemos como possibilidade aquilo que envolve a construção da pós-memória, em que questões subjetivas fazem parte do universo desse conceito. Isso nos leva a pensar como os fatos são lembrados e como são representados, envolvendo posicionamentos constituídos pela voz de quem fala e a escuta da voz, das fontes escritas, dos meios de comunicação. Sarlo coloca que “esses fatos só são lembrados porque fazem parte de um cânone de memória escolar, institucional, política e até familiar” e ainda que “toda narração do passado é uma representação, algo dito no lugar de um fato” (2007, p. 93). Assim podemos pensar a memória em fragmentos na construção de um mosaico de interpretações.

No mais, defendemos que as narrativas dos entrevistados trouxeram versões que, em certo ponto, diferem das representações construídas pela cultura escrita da época, como já salientado anteriormente. Das narrativas orais, essas processaram, através de cada localidade por seus moradores/narradores, uma familiaridade pelo “convívio” ou contato passageiro com a Coluna Prestes, traduzindo-se em experiências particularizadas e que resultaram em múltiplas narrativas de memórias. Para tentarmos

esboçar algumas dessas questões, vejamos um dos fragmentos das narrativas orais que versam sobre presença da Coluna numa das localidades do sertão cearense:

A notícia que o povo de Quixariú tinha era que aonde os revoltosos da Coluna chegavam fazia muita desordem, mas eles não faziam desordem em Quixariú, não se tem notícia de desordem nenhuma eles fizeram, eles chegaram primeiro uns oito ou dez ai depois foi que chegou o grosso da história oral temática é sempre de caráter social e nela as entrevistas não se sustentam sozinhas Coluna e eles pernотaram aqui, ficaram lá ate outro dia, mais o povo também ficou muito afastado, o povo se assombrou, não chegaram nem perto pra conversar com eles [...] ³

Os trechos transcritos acima são da narradora Francisca Nezite que não vivenciou os momentos da passagem da Coluna Prestes na localidade de Quixariú, situada na região sul do estado cearense. Porém, a narradora, nascida e residente na mesma, mencionou através do exercício da memória, partindo das narrativas de familiares e de outros moradores antigos que a presença dos sujeitos da Coluna Prestes em sua localidade ocorreu tranquilamente, apesar das apreensões alimentadas pelo discurso dos opositores da Coluna Prestes, nesse caso, os governos (local e nacional).

Além de divergir das representações construídas pelo governo e dos noticiosos daquele período, pois, como já esboçado, havia-se uma articulação logística e armada para desbaratar o movimento. Com isso, era de práxis associar a desordem, o crime e outras adjetivações depreciativas ao movimento. Porém, as narrativas orais apresentam outros elementos que não estão materializadas nas falas de documentos oficiais e/ou escritos.

Em continuidade, a narradora apresentou em seu relato, outro interessante elemento da passagem dos “revoltosos” pela localidade Quixariú:

Eu sempre ouvia falar, e ouvi falar que tinha um Ananias, lá que era padrinho de minha mãe, ele tinha um filho de nome Ademar e ele disse que o filho se chamava Ademar era uma homenagem ao tenente Ademar. Os revoltosos pegaram Ananias de dia e levaram para ensinar o caminho de Quixariú para Alto Alegre e os revoltosos botaram ele a pé e os cavalos pisando nos pés dele pelo caminho todo né, e aí quando chegaram em cima da serra aí encontraram os que vinha lá do alto alegre ai o tenente Ademar mandou que soltasse Ananias e botasse o homem pra voltar e disse que é isso como é que faz uma coisas dessas com pai de família aí ele disse que a mulher dele estava grávida aí quando nasceu o filho botou nome de Ademar em homenagem ao Tenente que tinha livrado ele então.⁴

Segundo esse fragmento, a narradora esboça a experiência vivida por um dos moradores locais que convivera com os sujeitos da Coluna Prestes. A curiosidade aqui

se reporta ao sentimento atribuído ao sujeito Ademar, um dos tenentes da Coluna, por Ananias, morador de Quixariú. Esse último teria registrado um de seus filhos com o nome de batismo de Ademar que por sua vez era membro da Coluna.

De alguma forma, também não poderíamos negar determinadas feições dos tenentes, registradas pelos jornais impressos, tais como, as atitudes “rígidas” de comportamento, ou alguns atos, considerados “atrozés” dos rebeldes e, esses foram, em certa medida, até realçados nas narrativas orais, como no caso da fala da narradora, referente ao tratamento dos tenentes para com o sujeito Ananias. Talvez, essa visão aterrorizante propagada pelo governo, tivera sido redimida para o morador Ananias, com o direito de liberdade, concedido pelos membros do movimento. E assim, podemos indagar que a morte inevitável imaginada por esse morador, transformou-se noutra possibilidade. Significaria compaixão dos “revoltosos”?

Os sujeitos da Coluna poderiam, até, serem pensados como malfeitores, em algumas ocasiões, mas que, diante situações particularizadas, como o caso da relação do morador Ananias e do tenente Ademar, proveram outras leituras, ou seja, outros significados.

Por outra, destacamos que o nosso intuito foi apontar que a visão construída do governo e dos meios de comunicação engrena posicionamentos em meio aos seus interesses e intenções, ou seja, elaborando-se representações. Consoante a Chartier a representação seria “o modo como em diferente diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída pensada, dada a ler” (1990, p. 17). Já pela fala da depoente relacionada ao caso dos integrantes da Coluna e o morador Ananias, esta salienta outra visão dos retrates da passagem da Coluna Prestes, reconstituída a partir das narrativas dos moradores mais antigos da localidade. Com isso compreendemos que assim uma figura bem terrível sabe da Coluna e diziam que eles vinham fazendo desordem”⁵. Entre escolhas particulares da narradora, apesar de não ter partilhado a experiência da passagem da Coluna Prestes por sua localidade, ela apreende “uma vida vivida e contada como uma escolha narrativa, ou seja, o ordenamento, o principio, meio e fim com seu encadeamento, expressão de um narrar e não de um ter vivido” (CALDAS apud FERREIRA e GROSSI, 2004, p. 45).

Noutra narrativa oral, constituída pelas falas do Padre Geraldo de Oliveira Lima, residente na cidade de Crateús, localidade, onde teria ocorrido confronto entre as tropas legalistas e a Coluna, aponta que:

O povo sentia pena de ver aqueles homens com fome, feridos, cansados e o governo dizia que eles iam roubando. Mas num eram roubando, ia pedindo armas, munição, comida, cigarro e animais, quando eles cansavam, dizia: nós vamos levar os novos, mas quando os cansados se recuperarem pode ficar pra vocês (população da localidade) porque os cavalos andavam muito rápido e cansavam com mais rapidez também e aí, por isso ele viviam trocando.⁶

Interpretando sua visão, este mensura que os supostos crimes provenientes dos saques e pilhagens, descritos nas falas governamentais, teria como intuito desabilitar os intuitos da marcha. Segundo ele: “a imprensa de fortaleza insinuava o medo na população do Ceará”. E, para o narrador, os membros da Coluna Prestes se utilizavam de tais práticas para angariar recursos, como: alimento, viveres, armamentos e outros. Sendo assim, no seu entendimento, essas práticas, seriam justificadas pela necessidade da causa, uma vez que, os integrantes da Coluna não teriam como financiar as empreitadas da marcha. Por outra, destacamos que o narrador não presenciou os desenrolares da passagem da Coluna Prestes pela localidade de Crateús, reportando-se às falas daqueles que conviveram passageiramente com o conglomerado da Coluna. Sendo assim, os elementos de saques e pilhagens tão propagados pelas falas oficiais refletiam numa tentativa de formar uma opinião contrária aos atos dos ditos “rebeldes”.

Nos lances de seu posicionamento referente à Coluna Prestes, é interessante percebermos como o narrador constrói sua narrativa levando em consideração os fragmentos das narrativas dos mais velhos, nesse caso, parentes seus e moradores locais. Por outra, sua narrativa é entrelaçada também pela sua própria escrita, na autoria da obra memorialista “a marcha da Coluna Prestes através do Ceará”, ou seja, de sua interpretação particular.

Criei-me ouvindo falar dos revoltosos, meus pais, deliciosamente, contaram-me da Coluna procedentes histórias. Guardei-as na mente e no coração. Criei-me na ambiência de alusões ao meteórico reide da grande marcha na malha do chão duro e quente de Ipú a Crateús, guardei-as todas de cor nas asas da fantasia [...] A marcha da Coluna através do Ceará reverte-se para mim, de um poema épico vivencial. Uma teatrologia cruenta⁷

Nesse ínterim, o narrador/autor aponta para sua “paixão” referente às estórias passagem da Coluna Prestes pelo sertão cearense. Para o referido narrador, a Coluna

teria uma face heróica, pois aqueles homens que vagavam pelos sertões brasileiros lutariam contra a política social excludente das oligarquias rurais que governavam o País naquele momento. Por tanto, os elementos de sua narrativa não deixa de denunciar seus interesses, ao proferir seu sua visão ou sentido sobre os personagens da Coluna Prestes. Pautada em realces de subjetividade, mas também ao externar seus sentimentos relacionados a personagens e evento.

Considerações

Quanto à travessia da passagem da Coluna Prestes por sertão cearense, as narrativas orais se apresentam como relevante cabedal no que tange às possibilidades de problemáticas e, no nosso caso, evidencia as multiplicidades de memória relacionada ao evento. Por tanto, percorrendo os caminhos da oralidade, em uso da história oral, como método de procedimento e análise ressaltamos que as narrativas orais são pautadas por complexidades tal como nos forçam buscar compreensões ou entendimentos relacionados suas construções.

Entre fragmentos, os depoimentos orais lançados, nesse presente trabalho, foram interpretados com o intuito de elucidar as variadas percepções da passagem da Coluna Prestes. No entremeio de produções escritas da época, e das narrativas orais percebemos as tensões e os jogos de disputas pela memória da passagem da Coluna Prestes interior do Ceará. Sem dúvida, estamos cientes que essas narrativas orais, que por vez são narrativas de memórias, são elaboradas no âmbito da subjetividade, das experiências e circunstâncias particularizadas. Assim, além de evidenciarem visões quanto aos personagens do Movimento, compõem um intrínseco mosaico de memórias acerca do evento.

¹ Município cearense localizado nas dimensões do Sertão do Inhamuns acerca de 350 km de Fortaleza, capital do estado. palco dos conflitos envolvendo as forças legalistas e membros da Coluna Prestes, no segmento liderado pelo Tenente João Alberto.

² Senhor Geraldo Lima, 78 anos de idade, Cidade de Crateús. Entrevista realizada em 22-08-2007, por Alex Alves de Oliveira.

³ Dona Francisca Nezite Alencar, Cidade de Quixerarú. Entrevista realizada em 17-05-2006, por Alex Alves de Oliveira e Márcia Gardênia Pinto Moura.

⁴ Idem.

⁵ Idem.

⁶ Senhor Geraldo Lima, 78 anos de idade, Cidade de Crateús. Entrevista realizada em 22-08-2007, por Alex Alves de Oliveira.

⁷ LIMA, Geraldo Oliveira. **A Marcha da Coluna Prestes Através do Ceará**. Crateús: S/E, [S/D] p. 12-13.

Referências Bibliográficas

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro, Bertrand, 1990.

FERRERIA, Amauri Carlos e GROSSI, Yvone de Souza. **A narrativa na trama da subjetividade**. In: *História Oral*, n 7, 2004. pp. 41-58.

MEYHE, José Carlos S. Bom e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Revista Projeto História**. São Paulo, n. 14, 1997.

PRESTES, Anita Leocádia. **Uma epopéia brasileira: a Coluna Prestes**. São Paulo: Moderna, 1995.

_____. **A Coluna Prestes**. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.